

Correntes Críticas I

1º Semestre 2020

LIMIARES DA CRÍTICA: uma proposta de leitura de alguns textos centrais da crítica literária brasileira

Prof. Roberto Zular

Prof. Assistente: Eduardo Francisco Júnior

Objetivos

A proposta da disciplina de Correntes Críticas é apresentar aos alunos de graduação do curso de Letras diferentes abordagens teóricas para a leitura e reflexão sobre textos literários, atentando para sua historicidade e variação de contextos. Dentro da enorme variedade existente para a construção de um curso a partir dessa ideia central, optou-se neste semestre por uma questão recorrente na reflexão acadêmica, as situações de limiar ou limite na nossa literatura.

O foco deste curso será, então, acompanhar como aparece, entre alguns críticos fundamentais, a imagem das bordas, das fronteiras, dos limites, dos umbrais, dos limiares. E, dentro de uma perspectiva relacional, pensar não só quais são os pontos de vista da literatura e da crítica literária brasileira sobre o limite, mas também qual é o ponto de vista das beiradas e dos limites sobre a literatura brasileira, ou seja, sobre as consequências dos diferentes modos de conceber a literatura e sua relação com aquilo que não é ela mesma.

Justificativa

Cada aula será desenvolvida a partir da discussão de um ensaio de um autor que desenvolve de alguma maneira uma reflexão sobre o limite em nossa literatura e cultura.

O curso se inicia em um preâmbulo, no modernismo paulista, a partir da Escrava que não é Isaura de Mário de Andrade e o Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade e da presença do limite na obra do crítico e ensaísta Sérgio Buarque de Holanda, num movimento que tenta capturar a complexa historicidade dessa questão retomando ao fundo a questão da cordialidade. Nesse movimento, tentaremos entrever a presença da crítica modernista em seus desdobramentos posteriores, bem como os deslocamentos que a crítica posterior é capaz de produzir nesses textos quase fundacionais da nossa literatura e crítica modernas.

Em seguida temos três grupos de pensadores que não serão, nem devem ser, lidos de maneira linear, mas sim a partir de seus entrelaçamentos e contradições.

No primeiro grupo encontra-se Antonio Candido, com foco no seu ensaio “Dialética da malandragem” (talvez primeira configuração mais robusta do limite dentro do espaço universitário) e suas ricas e variadas ramificações em alguns de seus orientandos e seguidores uspianos, notavelmente em Roberto Schwarz, José Miguel Wisnik, João Alexandre Barbosa e José Antonio Pasta Jr. Buscando-se ver nesses autores como essa questão se recoloca e é repensada, seja como algo característico dos países na periferia do capitalismo (Schwarz), como uma relação complexa entre o erudito e o popular, passando por nossa cultura musical e sua relação com a síncope, a voz e a alteridade (Wisnik), como uma leitura do intervalo (Barbosa) ou como um “regime do limite” (Pasta). Nesse núcleo de questões veremos também

a proposta de João César de Castro Rocha ao repropor o debate a partir de uma dialética da marginalidade.

No segundo grupo estão críticos literários que abordam o tema do limiar a partir de outras universidades, outros pressupostos e outras configurações teóricas. Tanto Silviano Santiago com sua preocupação com o entre-lugar, quanto Raul Antelo, com sua preocupação com lindes e limiares, reconfiguram a maneira como vemos o limite repropondo a nossa literatura em um contexto latino-americano. Luiz Costa Lima, por sua vez, traz com seu complexo e amplo conceito de *mimesis* como produção de diferença um profundo deslocamento histórico e espacial para esta questão, inserindo-a numa ampla história da literatura e da representação. Já Jeanne Marie Gagnebin adiciona a esse bloco de tensões uma interposição entre cordialidade e estrangeirice na relação com o outro e uma sólida discussão sobre a própria noção de limiar. Por fim, Flora Süssekind traz o limiar entre a voz e a série, corpo e linguagem, para mais uma reconfiguração da questão.

No terceiro grupo estão autores que trazem uma visão que se dá a partir do ponto de vista e, principalmente, da escuta ameríndia e africana. Eduardo Viveiros de Castro propõe a continuação da antropofagia por outros meios e obriga-nos a nos repensar a partir da ontologia ameríndia, enquanto Edimilson de Almeida Pereira propõe uma literatura negra e/ou afro-brasileira entre “Orfe(x)u e Exunouveau”, relendo o limiar como um movimento de convergência, paralelismo, mistura e separação.

Por fim, há uma aula que visa não concluir o curso, mas sim, enlaçar essas várias leituras mais uma vez para que elas se mantenham como uma tensão instigante para além do curso.

Avaliação

Análise de um texto literário a partir das propostas de ao menos dois dos críticos estudados ou um estudo comparativo de textos críticos (também de ao menos dois deles).

Cronograma de aulas

1. Apresentação. Proposição da questão do limiar a partir de “A Escrava que não é Isaura” e o “Manifesto antropófago” (Mário e Oswald de Andrade)
2. “O lado oposto e outros lados” (Sérgio Buarque de Holanda)
3. “Dialética da malandragem” (Antônio Candido)
4. “Pressupostos, salvo engano, da ‘Dialética da malandragem’” (Roberto Schwarz)
5. A dialética da marginalidade (João César de Castro Rocha)
6. “Machado, maxixe: o caso Pestana” (José Miguel Wisnik)
8. “O entre-lugar do discurso latino-americano” (Silviano Santiago)
9. “Leituras: o intervalo da literatura” e “O dentro e o fora: a dimensão intervalar da literatura” (João Alexandre Barbosa)
10. Mimesis como produção de diferença (Luiz Costa Lima)
11. Regime do limite: “Volubilidade e ideia fixa: o outro no romance brasileiro” (José Antonio Pasta Jr.)

12. Limiar, aura e rememoração (Jeanne Marie Gagnebin)
13. “Lindes, limites, limiães” (Raul Antelo)
14. A voz e a série (Flora Süssekind)
15. Limiães intensivos: o complexo oral canibal (Eduardo Viveiros de Castro)
16. Variações sincréticas: “Entre orfe(x)u e exunouveau” (Edimilson de Almeida Pereira)

Bibliografia básica

ANDRADE, Oswald. “Manifesto antropofago”. In: **Revista de Antropofagia**. Anno I, n.1. São Paulo: Maio de 1928. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/view/storage/45000033/45000033273/Output/Images/0002.jpg>

ANTELO, Raul. “**Lindes, limites, limiães**”. In: Boletim de pesquisas – Nelic – Ed. especial Lindes (2008). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/nelic/article/view/1984-784x.2008nesp1p4/8117>

BARBOSA, João Alexandre. **A leitura do intervalo**. São Paulo: Iluminiuras, 1990.

CANDIDO, Antonio. **O discurso e a cidade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

CASTRO, Eduardo Viveiros. **A inconstância da alma selvagem**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Limiar, aura e rememoração**: ensaios sobre Walter Benjamin. São Paulo: Ed. 34, 2014.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **O espírito e a letra**: estudos de crítica literária. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.

LIMA, Luiz Costa. **Sociedade e discurso ficcional**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

PASTA Jr., José Antonio. **Formação supressiva**. Tese de livre-docência. São Paulo: USP, 2011.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Entre Orfe(x)u e Exunouveau**. Azougue, Rio de Janeiro, 2017.

ROCHA, João César de Castro Rocha. **A guerra de relatos no Brasil contemporâneo ou: a dialética da marginalidade**. UFSM, revista Letras, no.32, 2006.

SANTIAGO, Silviano. **Uma literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco 2000.

SCHWARZ, Roberto. **Que horas são?** São Paulo: Cia. Das Letras, 2002.

SÜSSEKIND, Flora. **A série e a voz**. Rio de Janeiro: Ed. 7letras, 1998.

WISNIK, José Miguel. "**Machado maxixe**". In: **Teresa**: revista de literatura brasileira n 4 e 5, São Paulo, 2004. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116360/113949>

ZULAR, Roberto. "Ficção como variação de contexto". In: Ficcionalidade: uma prática cultural e seus contextos. São Paulo: Edusp, 2018. Disponível em:

<http://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/download/286/251/1104-1?inline=1>